

# A FILOSOFIA DA RELIGIÃO ÁRABE LINHAS GERAIS

*Prof. Dr. Jan G. J. ter Reegen\**

## **Resumo**

Este artigo tenta descrever as grandes linhas da Filosofia da Religião Árabe. Estudando a região onde essa Religião surgiu e desenvolveu suas linhas principais e fundamentais, inspirado pela mensagem do anjo Gabriel a Mohamad, desenvolvem-se as questões e a inspiração da religião e vida islâmica.

## **Palavras-chave**

Religião. Deus. Mohamad. Islã.

## **Abstract**

This paper tries to design the outlines of a philosophy of Arabic Religion. Regarding the region wherein this Religion appeared and developed its main and fundamental lines, inspired by the angel Gabriel's message to Mohamad, are developed the questions and inspiration of Islamic life and religion.

## **Keywords**

Religion. God. Muhamad. Islam.

## **Introdução**

De modo genérico, a Filosofia da Religião se dedica ao estudo da dimensão espiritual dos homens desde o surgimento da sua percepção e pesquisa filosófica – Metafísica, Antropologia e Ética – indagando e pesquisando o fenômeno religioso. Neste sentido, ela suscita pontos fundamentais: o que é religião, Deus existe, há vida após a morte, como explicar o mal, entre tantas outras.

O estudo ora relatado quer se aproximar, nesta perspectiva, da Religião Islâmica, analisando o ambiente em que surgiu, se desenvolveu e chegou a se constituir como uma das mais fortes da história humana, de tal modo “[...] que se constitui um marco decisivo na história da humanidade”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> ISKANDAR, Jamil Ibrahim, Al Quran, O Corão, o livro Divino dos muçulmanos, p. 97-128. Em: Souza Pereira, Rosalie Helena de, (org.) *O Islã Clássico, itinerários de uma cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

## I Ambiente físico<sup>2</sup>

A região onde o Islã nasceu e se desenvolveu foi na Península Arábica, cuja maior parte é estepe ou deserto, com oásis isolados contendo água suficiente para cultivo regular e que era conhecido por Hijas – barreira.

Nessa região o período pré-islâmico é conhecido por *Jahiliyya*, isto é, “*Tempo da Ignorância*”<sup>3</sup>. É um tempo de ignorância de Deus, que se revelava num paganismo não muito diferente da tendência politeísta dos povos semitas. Havia deuses e deusas, com seus mitos, aceitava-se a existência de seres fantasiosos, cultivavam-se superstições como seres superiores materializados em árvores e pedras<sup>4</sup>.

Quanto aos habitantes deste mundo,

“[...] alguns eram nômades criadores de camelos, carneiros ou cabras dependendo dos escassos recursos de água no deserto e eram conhecidos como beduínos. Outros eram agricultores estabelecidos, [...] ou então comerciantes e artesãos [...]”<sup>5</sup>.

Reinava entre os vários segmentos dessa sociedade a lei da sobrevivência e, assim, pode ser entendido por qual razão no meio deles “[...] reinara a lei de Talião, (e) eram corriqueiros os saques entre as tribos, o abandono de viúvas e órfãos, a matança de meninas recém-nascidas” [...]”<sup>6</sup>.

Este mundo pagão árabe estava em contato, entre outros, por meio de comércio, com outras culturas, o que explica, em parte, a existência de dois pólos mais importantes: Medina, um oásis, cidade marítima, de ilhotas do Judaísmo e Cristianismo, sobretudo uma forte população judaica, ou seria melhor falar de árabes judaizados<sup>7</sup>; no outro polo, Meca, onde se nota a presença de cristãos na forma de escravos e de monges pregadores nas feiras, o que explica a atuação de cristãos entre os frequentadores de Mohamad que, por sua vez, tinham conhecimento de relatos bíblicos e rabínicos, por ele chamados “histórias dos antigos”.

---

<sup>2</sup> HOURANI, Albert. *Uma história dos Povos Árabes*. São Paulo: Editora Schwartz Ltda, 1955.

<sup>3</sup> ISKANDAR, Jamil Ibrahim, O.c. p. 97.

<sup>4</sup> Impoe-se a lembrança da “Teurgia”, neoplatônica, como meio eficaz de contato do humano como o divino, muitas vezes exigindo, em grande medida, o uso de ritos sacrificais conforme, entre outros, (Teologia Política no século IV; a relevância da Teurgia em Juliano, o Imperador, por Daniel de Figueiredo. <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tdo=artigos>)

<sup>5</sup> Cfr., também, Dermant Peter. *O mundo mulçumano*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

<sup>6</sup> ISKANDAR, Jamil Ibrahim. O.c. 97/98.

<sup>7</sup> JOMIER, Jacques. *Islamismo. História e Cultura*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. 2 ed.

A cidade de Meca ainda se notabiliza, além de sua situação no meio de pequenas montanhas, pela presença de seu famoso templo Caaba, em que estava encravada uma pedra preta de que o profeta Mohamad - que Deus o louva, - disse: “A pedra negra desceu do paraíso e era branca como leite, mas os pecados dos filhos de Adão a tornaram negra”<sup>8</sup>. A Caaba era um panteão onde Mohamad encontrou 360 ídolos pagãos que ele destruiu. Discute-se se este número deve ser entendido em sentido alegórico ou real. Nem todos eram estátuas, mas também havia afrescos, *e.o.* de Jesus e Maria e de Abraão<sup>9</sup>.

Quem, no entanto, construiu o templo da Caaba? Os sábios do Islã têm divergido sobre quem construiu a Caaba. Alguns dizem que foi obra dos anjos. Outros exprimem que o pai da humanidade, Adão, erigiu a Caaba, mas ao longo de muitos séculos ela ficou em ruínas e ficou perdida no tempo, para ser reconstruída pelo profeta Abraão e seu filho Ismael. Todos concordam com a ideia de que a Caaba foi construída ou reconstruída de fato pelo profeta Abraão.

Um Deus supremo, Allef, que é o Deus Criador, dominava todos os outros deuses e em sua honra organizavam-se peregrinações e outras devoções, como também torneios literários nas feiras, em que os árabes manifestavam sua sede pela eloquência e a poesia<sup>10</sup>.

## II Fatores que contribuíram para o nascimento do Islã

Como um dos fatores principais, pode ser indicada a proximidade do Império de Bizâncio, sucessora e continuadora do Império Romano no Oriente Médio, que, com suas guerras e investidas, que chegava até o Nilo e o Mar Vermelho, tornando-se concorrente no comércio com a Índia<sup>11</sup>. Algumas rotas do comércio tornaram-se impraticáveis, por motivos de segurança, decorrentes das longas guerras entre Bizantinos e a Sassênida, fazendo o Oriente Médio altamente inseguro, além da ocupação subsequente das cidades mais importantes. Demais disso, essas guerras causavam uma migração de árabes e judeus e cristãos, que trouxeram certo conhecimento do mundo externo e de suas culturas<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> *A Caaba – a Casa Sagrada de Deus – A religião do Islã*.  
<https://risn.islareligion.com/pt/articles/3282>.

<sup>9</sup> *Id.*

<sup>10</sup> Cfr. Montada, Josep Puig: “*As tribus beduínas destacam-se por sua rica poesia oral. O árabe rezado pode bem ser mais elaborada, mas é quase certo que seja inteligível para todas as tribus de fala árabe*”. Em ROSALE, Helena, O.c. p. 52-67.

<sup>11</sup> Cfr. nota 8.

<sup>12</sup> HOURANI, Albert, O.c. pag. 25.

A isto deve ser acrescentado, de acordo com Jomier, que

[...] a Arábia era olhada com menosprezo pelos grandes impérios vizinhos, Bizâncio e Pérsia. Os nômades cujas incursões eram temidas pelos sedentários, eram respeitados nas fronteiras das zonas cultivadas sendo vigiadas por corpos de tropas auxiliares. Com o advento do Islã os árabes ficaram em pé de igualdade com os que os menosprezaram e em seguida passaram a ser seus senhores<sup>13</sup>.

Na cidade de Meca, centro comercial importante, reinava um egoísmo das famílias ricas, destoando da mensagem de fraternidade do Islã e da estrutura tribal antiga. Afirma-se que a mensagem de um novo tipo de fraternidade, mais extensa e fundamentada do que aquela das tribos originárias, junto com a melhora do nível de vida, incluindo para os pobres, órfãos e viúvas, em vista das conquistas e vitórias nas guerras, tornaram o ambiente favorável ao Islã.

### III A figura de Mohamad

Embora se considere que Mohamad, como figura humana e líder religioso, é uma personagem muito conhecida, algumas observações sobre sua atuação no contexto da Filosofia da Religião árabe se impõem como desejáveis, senão necessárias.

#### a- O início

Dizem os biógrafos que Mohamad nasceu em Meca, talvez no ano de 570, como integrante do clã hashmida, *Banu Hashim*, era mais do que respeitável, sendo uma ramificação secundária da tribo dominante dos coraixitas. Mohamad, em razão da morte prematura de seus pais, viveu sob a guarda de seu tio Abu Talib que, por volta de 582, carregava Mohamad Abu Abd Allah, então com 11 ou 12 anos [...] para a cidade de Bostra, onde ocorreu, então, segundo a história, a famosa visão do monge Bahira, que relatou o destino especial de Mohamad ao seu guardião e recomendou cuidados especiais para com ele porque se a missão deste [...] fosse conhecida pelos judeus ou greco-romanos iriam prejudicá-lo<sup>14</sup>.

Próximo aos 25 anos, Mohamed casou-se com uma viúva rica, Khadija, para quem trabalhava e que se tornou para ele um forte ponto de apoio e encorajamento.

---

<sup>13</sup> JOMIER, Jacques. O.c. p-17.

<sup>14</sup> LEWIS, David Levering. *O Islã e a formação da Europa*. Barueri: Amariyls 2010, p.30.

Pelo ano de 610, Mohamad fez um retiro longo no monte Hira, no qual teve um sonho, segundo outros, uma visão em que se manifestava “[...] um ser sobre-humano que lhe deu a ordem de recitar um texto e o chamou de “Enviado de Deus (rasul Allah)”. O texto é o seguinte:

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.  
Recita em nome do teu Senhor que criou.  
Criou o homem de seu sangue coagulado.  
Recita. E teu Senhor é o mais generoso.  
Que ensinou com a pena  
Ensinou ao homem o que não sabia. (CORÃO 96,1-5)<sup>15</sup>.

Dois anos depois lentamente se revelava o sentido da visão, mas Mohamad foi aconselhado a não queimar etapas, tornando público prematuramente o que lhe tinha sido revelado: “Não precisas movimentar demais a língua para apressar a recitação do Alcorão. A nós compete compilá-lo e recitá-lo. Quando a recitamos, acompanha atentamente a recitação”. (CORÃO 75, 16-19).

Os textos que Mohamad nestas ocasiões revelou “[...] são considerados pelos muçulmanos como mensagens vindas de Deus por intermédio do anjo Gabriel. Retidas primeiro nas memórias, fixadas parcialmente por escrito, as mensagens foram finalmente reunidas, alguns anos após a morte de Mohamad, e constituem o Corão, livro santo dos muçulmanos<sup>16</sup>.

Com efeito os muçulmanos tornam-se uma sociedade cimentada no Corão. Chamo à atenção para a simplicidade desta mensagem: primeiro, o anúncio do juízo último e ameaças contra aqueles que neste dia mereceriam o fogo eterno e para os eleitos a felicidade. “[...] as mais antigas declarações insistiam na justiça social: os maus ricos são os que são condenados com maior rigor<sup>17</sup>. Que esperam? A hora chegará de repente; seus sinais anunciadores já estão ali. De que lhes serviu a recordação, quando a hora tiver acontecido. (CORÃO, 20,15).

Segue-se a absoluta unicidade de Deus, *el tauhid*: Vosso Deus é o Deus único. Não há deus senão Ele, o Clemente o Misericordioso (CORÃO 2.163).

Neste contexto, condenam-se violentamente aqueles que rejeitam a unicidade de Deus; que ousam afirmar que Mohamad é um mentiroso e o

---

<sup>15</sup> O texto utilizado do Corão é a edição: *O Alcorão*, Livro Sagrado do Islã. Com tradução de Mansour Chalitta, Rio de Janeiro: Edições Bost Bolso, 2011.

<sup>16</sup> GUERRERO, Ramon, o. cit. P. 22.

<sup>17</sup> JOMIER, Jacques, o.cit. p. 110-113. De ep t. Guerrero Ramon.

Corão uma fraude. Na vivência da verdadeira dimensão do Corão, destacados encontram-se a figura e o papel dos profetas, de modo peculiar Moisés aquele que como depositário da fé liderou o seu povo à Terra Prometida<sup>18</sup>(CORÃO 6.84).

O Islã sempre aparece como uma forma árabe da eterna religião bíblica. Nele Deus é adorado como Criador Todo Poderoso, Senhor do Universo, infinitamente misericordioso<sup>19</sup>.

#### *b- A caminhada e a confirmação*

A implantação da mensagem de Deus, revelada por intermédio do anjo Gabriel, fez com que, “[...] aos poucos formou-se em torno um pequeno grupo de crentes: alguns membros jovens das influentes famílias coraixitas, alguns membros das famílias menores, crentes de outras tribos que se haviam colocado sob a proteção dos coraixitas, e alguns artesãos e escravos”. A oposição, porém, foi constante e tenaz. Por volta de 616, 80 discípulos foram enviados à Abissínia para fugir da perseguição brutal que causou a morte de alguns muçulmanos<sup>20</sup>.

Mohamad, porém, não deixou Meca. Suportou as dificuldades criadas por seus opositores para admitir novos crentes: era proibido manter com eles qualquer tipo de relação, seja comercial, seja matrimonial. Neste contexto cresceu a importância do Corão, considerado um milagre.

Rejeitado por seu clã, depois da morte de seus principais defensores, e precisando de novos protetores, Mohamad entendeu-se com os árabes pagãos de Medina, antiga Yutreb, prontos a se converterem e, no verão de 622, partiram para fazê-la sua cidade.<sup>21</sup> Esta mudança é a famosa Hégira.

Em Medina, Mohamad começou a acumular um poder que, lentamente, e não sem lutas, se irradiou pelo Oásis e o deserto em volta. O Islã, desta forma, tornou-se, aos poucos, um Estado, uma potência política.

---

<sup>18</sup> JOMIER o. c. p. 22/23. 22/23.

<sup>19</sup> JOMIER, Jacques. O. c. p. 24-27.

<sup>20</sup> A Hégira tornou-se o início do calendário dos muçulmanos, e é considerado o acontecimento central dos primórdios do Islã, Mohamad Ilyes afirma: “(O advento do século 15) é, na verdade, uma ocasião ímpar para se meditar que a Era Islâmica não teve início com base em vitórias das guerras islâmicas, nem com o nascimento ou a morte do profeta (saw), ou com a própria Revelação. Ela começa com a Hégira, ou o sacrifício pela causa da Verdade e pela preservação da Revelação. Foi uma escolha inspirada divinamente. Deus quis ensinar ao homem que a luta entre a Verdade e o Mal é eterna. O ano islâmico lembra aos muçulmanos, anualmente, não as honrarias ou as glórias do Islam e sim o seu sacrifício, preparando-os para fazer o mesmo. “Em: O Calendário Islâmico (Hégira) <http://www.islamemlinha.com> (Consulta 06/03/18).

<sup>21</sup> HOURANI, Albert. O. c. p. 35.

Também se afirmou como a única modalidade de religião que permaneceu fiel ao ideal bíblico.

Depois de ter aparecido como a maneira árabe da eterna religião bíblica imutável, o Islã se tornava uma religião universal, destinada a suplantear todas as demais, como atesta o Corão 3, 110: “Sois a melhor nação que já surgiu entre os homens. Recomendai a probidade e proíbe o ilícito e acreditai em Deus. Se os adeptos do Livro acreditassem, melhor seria para eles”.

#### **IV As verdades básicas do Islã**

##### *1 A unicidade de Deus*

“Deus! Não há deus senão Ele, o sempre Vivo, o Eterno. Nunca dorme, e nunca cochila. A Ele pertence tudo o que está nos céus e tudo que está na terra [...] Conhece o passado dos homens e seu futuro”. (CORÃO 2. 255).

Esta verdade fundamental, expressa na *shahada* – curta profissão de fé – “Eu atesto que não existe divindade fora de Deus (Allah) e que Mohamad é o Enviado de Deus”, é a única exigência para ser admitido à religião, além da presença de duas testemunhas oficiais<sup>22</sup>.

A única atitude válida dos homens diante de Deus resulta desta absoluta unicidade de Deus, que é o tema central do Corão: Deus é tudo, e diante d’Ele o homem é nada. Consequentemente, o homem deve aniquilar-se durante sua vida pela aniquilação da sua vontade às ordens de Deus, pela aniquilação na contemplação, testemunhando que não existe divindade fora de Deus [...]

Além disso, há uma ideia de aniquilação que o mundo não tem existência e que só Deus é. “Sob este ponto de vista, por natureza o homem não é nada e o seu dever é tomar consciência desta situação”.<sup>23</sup>

2 Para conhecer melhor *o conteúdo ou os contornos desta fé* e ver em que sentido esta aniquilação pode se tornar uma realidade na vida do fiel mulçumano, o Corão diz no 4, 135:

“Ó vós que credes, credes em Deus e no seu mensageiro e no Livro que foi revelado ao Mensageiro e no Livro que fora anteriormente revelado. Quem renega Deus e seus anjos e seus Livros e Mensageiros e o último dia vai muito longe no erro”.

---

<sup>22</sup> JOMIER, Jacques. O. cit. p. 67.

<sup>23</sup> JOMIER, Jacques. O. cit. p.176.

Em primeiro lugar, pois se encontra aqui a *fé em Deus*, significando na perspectiva do Islã antes de tudo que Deus é o Criador, de cuja unicidade não se pode falar em demasia e que triunfará na história através da vitória de seus Enviados enumerados ao Corão 6. 84-88 e do aniquilamento de quem quer que se lhes opõe. A criação é considerada uma prova da misericórdia e do poder de Deus. A piedade mulçumana tem prazer na repetição dos Nomes e Atributos – em total de 99 – que o Corão ou a Tradição aplicam a Deus<sup>24</sup>.

Em seguida vem a *fé nos anjos*. Antes de todos, a figura de Gabriel, instrumento da revelação que inspirou a Mohamed os textos do Corão. Eles celebram os seus (de Deus) louvores noite e dia, e nunca esmorecem. “Da mesma forma crê-se na presença de dois anjos, que sempre estão com o homem para tomar nota de seus atos; “ele os saúda à sua direita e à sua esquerda no fim de cada oração ritual” .<sup>25</sup>

Têm-se, ainda, *os Livros Revelados*, que, preexistentes, vieram do céu, como um dom gratuito de Deus em favor da humanidade, e são os livros Torah, Salmos, Evangelhos e o Corão. Este último é, sem dúvida, o mais importante, visto que nele contém tudo e nada de novo vem da leitura dos outros.

*Os Enviados são*, de acordo com o Corão, os principais personagens da Bíblia que menciona desde Adão até Jesus, passando por Noé, Moisés.<sup>26</sup> Todos eles “[...] anunciaram a mesma mensagem - o monoteísmo - que é um dogma imutável e perfeitamente revelado, desde o começo, sem que houvesse progresso nesta revelação. O maior entre eles é Mohamad, enquanto Jesus está abaixo de Abraão e Moisés, como ficou revelado a Mohamad durante sua famosa viagem ao céu em Jerusalém.

Fazem parte, também, das verdades básicas do islamismo os acontecimentos do fim do mundo, a ressurreição dos corpos que sairão dos túmulos ao som das trombetas do último juízo<sup>27</sup> – e em seguida vem o juízo em que será lido, dos livros abertos, o destino dos fiéis: paraíso, para uns, inferno, para outros.

---

<sup>24</sup> JOMIER, Jacques. O. cit. p.177 – A enumeração lembra a obra “*Os nomes Divinos*” do Pseudo Dionísio.

<sup>25</sup> JOMIER, Jacques. id.

<sup>26</sup> Há também desconhecidos como Saleh, Hud.

<sup>27</sup> Cfr. JOMIER, Jacque, o. cit. P. 66-86.



O inferno é a consequência do único pecado mortal, irreversível, o shirk, isto é, o crime de associar a Deus outros deuses. Deus não perdoa a quem lhe atribui semelhantes, e perdoa as faltas menores a quem quiser. Quem atribui semelhante a Deus comete enorme delito (CORÃO 4.48). Se o homem fizer isto, perderá o benefício de todas as suas boas ações; nisto é que elas perdem todo o seu valor.<sup>28</sup>

A eternidade deste castigo é uma questão discutida: a intercessão de Mohamad é tão poderosa que consegue a libertação, mesmo depois de milhares de anos, daqueles que tem um mínimo de fé.<sup>29</sup>

Aos artigos analisados há pouco, é acrescentado por parte de certos teólogos muçulmanos o sexto: *A Fé no decreto divino*.

Ensinado em duas tradições célebres [...] Trata-se de crer “no decreto divino para o bem e para o mal, o doce e o amargo” isto é, trata-se de crer que tudo foi decidido por Deus, que tudo vem d’Ele em certo sentido. É uma forma de entregar-se inteiramente à Providência Divina.<sup>30</sup>

São célebres as discussões levantadas por esta questão, no que diz respeito à liberdade humana e sua responsabilidade, embora no Corão esta não seja renegada: tudo vem de Deus, mas o homem é responsável pelo que faz e tem que prestar conta no último juízo de tudo o que fez na vida.

## V A vivência do Islã

A vivência da mensagem islâmica está delineada no livro sagrado Corão: onde se exprime claramente um preceito: a obrigação é absoluta. “Os preceitos mais claros tem sido sistematicamente recolhidos em uma forma estereotipada, a das tradições ou hadith, que tem exercido um papel importante no direito e na mística muçulmana”.<sup>31</sup> São textos justapostos e classificados conforme os assuntos<sup>32</sup>, como no caso da célebre frase “Os atos só valem por sua intenção...”

A vivência verdadeira e também real da fé islâmica, no entanto, com suas obrigações, é apresentada sob o nome de *Cinco Pilares do Islã*, que devem ser mantidos e praticados por parte de cada muçulmano, individualmente,

---

<sup>28</sup> JOMIER. id.

<sup>29</sup> JOMIER. id. Esta posição lembra a opinião do grande Orígenes, quando afirma que Deus chama os pecadores para a vida, até nenhum sobrar.

<sup>30</sup> JOMIER, Jacques. O. cit. p. 83.

<sup>31</sup> JOMIER, Jacques. O. cit. p. 88/89.

<sup>32</sup> Cf. e. o JAMIL, Jacques, Ramon Guerrero.

que possui capacidade e condições de fazer isto. Os pilares estão expressos na sequência.

1 O reconhecimento da unidade e unicidade de Deus e do caráter profético da missão do Mohamad: não existe Deus senão Deus, e Mohamad é seu profeta<sup>33</sup>.

2 A oração ritual – Salat – é caracterizada pela invocação “Senhor! A Ti o louvor”. Cinco vezes por dia o muçulmano é obrigado a dirigir este louvor a Deus<sup>34</sup> [...] apressai-vos para invocar a Deus e deixar o comércio. É melhor para vós! Se soubésseis (CORÃO, 6.29). Cinco vezes ao dia, o muçulmano é obrigado a realizar esta norma: na aurora, da aurora ao meio-dia, após a metade da tarde, mais ou menos uma hora depois do pôr do sol.

As orações serão feitas com o fiel dirigido a Meca, conforme rituais prescritos.

3 O terceiro mandato – Zakat – consiste em pagar uma espécie de imposto, destinado a ajudar os muçulmanos pobres, “[...] a esmola legal ou azaque que há de valer ao fiel uma grande recompensa no outro mundo”<sup>35</sup>. Pagai o tributo dos pobres, e fazei a Deus um empréstimo desinteressado. “Toda boa ação que fizerdes em benefício de vossas almas, encontrá-la-eis junto a Deus, aumentado”. (CORÃO, 73.20).

4 O quarto pilar – a observação do jejum ao longo do mês de ramadã – “[...] que exige uma total abstinência e continência durante o dia, do nascer ao pôr do sol, e a que todos os fiéis adultos e sãos estão obrigados, com dispensa para enfermos, infantes, mulheres grávidas, soldados etc.”<sup>36</sup>

Foi no mês de Ramadã que o Corão foi revelado, um guia para os homens, com provas manifestas para a orientação e o discernimento [...] Ele (Deus) quer que jejeis durante todo o mês e proclaméis Sua grandeza pela orientação que d’Ele recebestes. E possais ser agradecidos! (CORÃO, 2.185).

5 Finalmente, a última obrigação é a peregrinação, ao menos uma vez na vida, à cidade de Meca, obrigada a todo fiel adulto e são e que possui os meios de realizá-la. É acompanhada de uma série de ritos, com

---

<sup>33</sup> Vê-se [...] que o Islã enfatiza a insuperável distância entre o Criador e sua criatura, e Sua absoluta unicidade [...] Dermout Peter, o.c. p. 27.

<sup>34</sup> “O que é uma veneração e não um pedido para benefícios”. [...].

<sup>35</sup> É uma espécie de dízimo que todos entregam para fins sociais, refeições, etc. É um símbolo de solidariedade mútua dos fiéis que constituem a coletividade islâmica – quase uma nação não territorial. Peter Dermout, o.c. p. 27.

<sup>36</sup> Ramon Guerrero, o.c. p. 23.

caráter de purificação, vivendo a igualdade entre todos os muçulmanos, sejam de que classe social for, e simbolizam a fé única, que liga todos os muçulmanos (Cfr. Corão, 3,97).

## Conclusão

Como guisa de conclusão, é importante referir-se ao edito, proclamado pelo Profeta à sua chegada a Medina e em que o segundo artigo rezava que “[...] os crentes constituem comunidade única, distinta dos outros homens”<sup>37</sup>. Este decreto estabelecia as bases da Umma ou comunidade dos crentes, superando a antiga ordem da sociedade nômade, com sua ordem primitiva tribal. Assim surge a Cidade Muçulmana, um organismo político com significação essencialmente religiosa. Assim a comunidade de muçulmanos com as palavras de Ramon Guerrero pode ser caracterizada “[...] como uma teocracia igualitária” e laica: *teocracia*, porque o poder político estava nas mãos de Deus, em que residia a soberania, e administrada pelo Profeta, que havia recebido sua autoridade e sua lei, e seus sucessores, dependendo o poder temporal do poder espiritual; igualitário, porque reconhecia a igualdade de todos os crentes [...]; laica porque não existe Igreja nem sacerdócio, mas somente doutores da lei, os Ummas[...]<sup>38</sup>.

Este é o Islã que, depois da morte do Profeta, se expandiu de forma espantosa sobre o mundo oriental e ameaça o mundo ocidental. Por isso, seu papel na formação do mundo, sua cultura e sua história são tão importantes, e são indispensáveis para o entendimento dos acontecimentos dos dias de hoje. As linhas aqui apresentadas pretendem jogar alguma luz sobre a realidade da fé do testemunho islâmico.

*\*Prof. Dr. Jan G. J. ter Reegen*

Doutor em Filosofia Medieval pela Pontifícia Universidade  
Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

Professor titular do curso de Filosofia da Faculdade Católica de Fortaleza - FCF.

O texto utilizado do Corão é a edição: O Alcorão, Livro Sagrado do Islã.  
Com tradução de Mansour Chalitta, Rio de Janeiro: Edições Bost Bolso, 2011.

---

<sup>37</sup> Id. 27.

<sup>38</sup> Id. 28.